

A Suportável Realidade

Edgar Morin - École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris)

Tradução por Alípio de Sousa Filho¹

"A humanidade não pode suportar muito a realidade".

T.S. Eliot

"Os homens sempre lutaram, com todas as suas forças,
contra a realidade".

Jean Servier

RESUMO

O artigo trata da crueldade da realidade e da condição humana. A incerteza face ao destino e a inevitabilidade da morte fazem o *sapiens démens* criar estratégias para suportar a crueldade da realidade. O sofrimento, a alegria, a tristeza, o prazer, a felicidade, a infelicidade, etc., revelam a excitabilidade, a emotividade, a irritabilidade que o torna vulnerável a todos os golpes do destino e engendram a condição humana. O homem constrói formas de diálogos para suportar a realidade: o compromisso neurótico, a estética, a cooperação e o controle são espécies de tentativas para ordenar a realidade e confrontar a crueldade do mundo. É impossível escapar à dialógica *sapiens/démens* a partir da qual se tece a condição humana. Torna-se urgente assumir o jogo dialógico entre racionalidade e afetividade, prosa e poesia, enquanto nosso destino.

Palavras-chave: Realidade - Condição humana - Crueldade - Dialógico

RÉSUMÉ

L'article traite de la cruauté de la réalité et de la condition humaine. L'incertitude face au destin et l'inévitabilité de la mort font le *sapiens démens* créer des stratégies pour supporter la cruauté de la réalité. La souffrance, la joie, la tristesse, le plaisir, le

bonheur, le malheur, etc. révèlent l'excitabilité, l'émotivité, l'irritabilité qui le rend vulnérable à tous les coups du sort et engendrent la condition humaine. L'homme construit des formes de dialogues pour supporter la réalité : le compromis névrotique, l'esthétique, la coopération, le contrôle sont des sortes de tentatives d'ordonner la réalité et de confronter la cruauté du monde. Il est impossible d'échapper à la dialogique *sapiens/démens* à partir de laquelle la condition humaine est tissée. Il est urgent assumer le jeu dialogique entre rationalité et affectivité, prose et poésie entant que notre destinée.

Mots clés: Réalité - Condition humaine - Cruauté - Dialogique

A realidade é cruel para o ser humano. Lançado sobre a terra, ignorante de seu destino, submetido à morte, não podendo escapar aos lutos, penas, servidões, maldades propriamente humanas, ela é tanto mais cruel quanto o ser humano seja plenamente consciente e plenamente sensível. Sua

1. Sociólogo, professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN. Doutor em Sociologia pela Universidade René Descartes - Sorbonne - Paris V. Coordenador do Grupo de Estudos do Imaginário, do Cotidiano e do Atual - UFRN. Tutor do Programa Especial de Treinamento (PET), do curso de graduação em ciências sociais da UFRN. Editor da Revista Odisséia, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN.

extrema emotividade, excitabilidade, irritabilidade o tornam vulnerável a todos os golpes do destino. Sua aptidão ao sofrimento é comparável à sua aptidão ao prazer, sua aptidão à tristeza é inseparável de sua aptidão à alegria, e toda perda de felicidade determina sua infelicidade. O ser humano secreta, sem cessar, desejos que se chocam com a realidade. Ele vive cercado de ameaças naturais e humanas. Os deuses, demônios, monstros que personificam seus medos lhe inspiram um terror permanente. Ele é o brinquedo das guerras, das opressões, e é, quase continuamente e quase por todas as partes, escravizado desde os tempos históricos. Ele é - o que de maneira nenhuma os animais são - malvado, destruidor e sua crueldade faz parte da crueldade do mundo. Um número incrível de sofrimentos nasce da incompreensão e do mal-entendido na relação com o outro e sobretudo próximo. A consciência da morte - a partir do que ele aprende a fatalidade desde a infância - acompanha-o como consciência da destruição absoluta de seu único e precioso tesouro, seu Eu, e não menos terrível é a morte dos seres queridos que fazem parte de seu ser. Assim, a realidade possui características horríveis. O ser humano está entregue à crueldade do mundo.

Lembremos T.S. Eliot: "a humanidade não pode suportar muito a realidade". Daí a necessidade de um compromisso. Este é obtido mobilizando-se o mito, para nele encontrar as consolações sobrenaturais, mobilizando-se o imaginário, para aí proteger a alma, e mobilizando-se a estética e a poesia, para se viver plenamente a realidade, ao mesmo tempo que vencendo o seu horror.

1 - O COMPROMISSO "NEURÓTICO"

Um compromisso com o real ganha um caráter neurótico no sentido em que uma neurose é um compromisso, entre o espírito e o real, que suscita condutas e ritos atenuantes ou exorcizantes da crueldade do real. O ser humano compensa o excesso de crueldade e as insatisfações no amor nas fantasias e nos mitos. As fantasias aliviam provisoriamente o

peso e a coação do real. O mito fortifica o humano mascarando a incompreensibilidade de seu destino e preenchendo o vazio da morte. Os mitos religiosos da salvação abrandam nosso destino real, nossa natureza mortal, nossa solidão, nossa perdição. Assim, segundo Freud, a religião seria a neurose obsessiva da humanidade. Ela consola o indivíduo de sua angústia fazendo-lhe suportar um peso enorme de ritos, práticas, obrigações, adorações e sacrifícios. Esse compromisso se efetua pela mediação dos Deuses, que nos exigem obediência, devoção e imolações, e que glorificamos em agradecimento. O mito, o rito reequilibram o ser humano, tornam possível afrontar a angústia e a dor, permitem a comunicação com o mundo inumano. Nesse sentido, mitos e religiões podem ser considerados, conforme a lógica darwiniana, fatores "seletivos" favoráveis ao desenvolvimento da espécie humana. A fé religiosa - como a fé em uma idéia - é uma força profunda que permite suportar e combater a crueldade do mundo no que concerne ao fiel (pois seu fanatismo contribui frequentemente para fazê-la crescer). Ela fornece segurança, confiança e esperança ao espírito humano; ela o preenche da certeza de uma Verdade salvadora que afasta a corrosão da dúvida.

O sacrifício é, sem dúvida, o ato simultaneamente mais neurótico e mais mágico do *homo sapiens-demens*. Ele permite acalmar a crueldade dos Deuses, vencer a incerteza e libertar da angústia. O sacrifício consagra o grande pacto de vida e de morte entre o humano e o divino. Existem dois tipos de sacrifício: o do culpado e o do inocente. O primeiro imola o maléfico e liberta a comunidade do mal, o segundo oferece à divindade a submissão absoluta. O sacrifício de massas de adolescentes permitia aos astecas cumprirem os grandes ritos cósmicos de regeneração do cosmo. Por toda parte, na pré-história e na história, sacrifícios humanos e sacrifícios animais espalharam torrentes de sangue para salvar os humanos da escassez de víveres, da seca, das inundações, do infortúnio, da morte, e, longe de ter deperecido, o sacrifício se perpetuou sob formas patrióticas, políticas e ideológicas. O complexo mito-rito-magia-religião alivia, amortece, modera, adormece, cicatri-

za a angústia. Chama e interpela as bem-aventuranças sobrenaturais. A cultura, que organiza as relações entre os humanos e o real, inclui, na sua organização, o compromisso mitológico e religioso, como se sua missão fosse não apenas proteger a sociedade das potencialidades da insensatez do ser humano, mas também proteger o ser humano da insuportável realidade. O compromisso "neurótico" é inseparável de um compromisso "histórico". Do mesmo modo como a histeria fornece uma realidade somática a nossos tormentos psíquicos, assim também nós atribuímos uma realidade formidável aos deuses, gênios, demônios, que nossos espíritos criaram, que não cessam de alimentar e que controlam, de maneira obstinada, nossos Destinos.

As religiões ensinam a se ter menos medo da morte, a se aceitar os golpes da sorte, elas suscitam a resignação, a quietude. Marx tinha mesmo razão de ver nisso uma consolação. O budismo, que reconhece que o sofrimento é inerente a toda vida, ensina a serenidade pela via da renúncia de si, e propõe a libertação no aniquilamento do Eu, sujeito de todas as aflições, a fim de escapar ao ciclo infernal dos renascimentos.

As grandes religiões estão longe de desaparecer, a maior parte conhece uma revitalização surpreendente. A proliferação das seitas exprime mil tentativas de resposta ao grande mal-estar de nossa civilização: os ioguismos, meditações, relaxamentos, dietéticas, macrobióticas se esforçam para ajudar a cada um sair do seu mal-estar. O calor coletivo de uma comunidade alivia os desesperos individuais. As comunidades renascem sem trégua, sob múltiplas formas, incluindo-se aí as formas temporárias de tribalismo indicadas por Maffesoli.* Instituições que têm a seu encargo as neuroses humanas tiram proveito disso. Todo um setor do capitalismo se beneficia dos males da alma humana.

* O autor refere-se às reflexões do sociólogo francês Michel Maffesoli em obras como *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, e *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001 (N.T.)

Em um certo sentido, Religião, Mitologia e Magia podaram enormemente a história humana e pesaram enormemente sobre o destino dos indivíduos. Suscitaram uma parte dos inumeráveis excessos causados pelo *homo demens*. Sufocaram, mais que com frequência, as possibilidades de um pensamento autônomo. Mas, repetamos, trouxeram grandes Seguranças e grandes Consolações, diminuindo a forte angústia existencial do ser humano e matizando suas tragédias vividas.

Tudo isso não acalma todas as desesperanças nem inibe todas as revoltas. Mas estabelece mil compromissos neuróticos com a insuportável realidade. Se o neurótico é patológico, então esse patológico é normal.

2 - O PACTO SURREALISTA

Ao mesmo tempo em que existe um compromisso neurótico entre o espírito humano e a realidade, existe uma cooperação realista entre *sapiens* e *demens* no jogo existencial. Assim, a agressividade infantil se encontra espontaneamente orientada em jogos nos quais - do mesmo modo que entre os cachorrinhos as mordidelas são a versão amigável do abocanhamento - as rixas e batalhas simuladas cultivam a camaradagem juvenil. No mundo adulto, a agressividade é conduzida e regulada nos esportes de competição, jogos de carta, espetáculos e filmes de violência. Existe uma cooperação sabedoria/loucura que engloba e ultrapassa uma e outra, aclimata a agressão e torna-a amigável. E, no próprio seio dos atos de amor, as mordidas, arranhões, simulacro de lutas, às vezes voluptuosas torturas, assumem importante papel. O jogo é um engajamento psíquico, uma inserção física, uma atividade prática que nos coloca frente a frente com o mundo real para o desafiar e o dominar, mas de maneira não perigosa nem maligna. O jogo nos lança no conflito e na batalha, mas fora das conseqüências cruéis do verdadeiro conflito e da verdadeira batalha. O jogador permanece na consciência do jogo, no seio do qual, sem o jogo, seria ofensa, crueldade e tragédia.

Mais profundamente, a poesia vivida e a estética nos fazem viver um grande pacto com o real, o pacto surrealista, que transfigura o real sem negá-lo. A poesia vivida se situa no surreal. Em seu estado supremo, ela se exalta em êxtase, ato absoluto de comunhão, de perda e de realização definitiva do real, de perda e de aperfeiçoamento de si.

No sentido vivido do termo, a poesia conclui uma aliança com as potências geradoras e regeneradoras da vida, com as subidas da seiva, as eclôses, as florações, as expansões. Seu pacto com o real adquire um caráter mágico notadamente no amor. O amor surge de uma incrível força de vida que transfigura a vida. Ele nos religa ao outro simultaneamente nos restituindo a nós mesmos. O amor realiza plenamente nosso ser biológico e nosso ser psíquico. O amor suscita uma quase-divinização exaltada para um ser de carne, sangue e alma. O amor - unidade incandescente da sabedoria e da loucura - faz-nos suportar o destino, faz-nos amar a vida. Ele não vence jamais a morte, mas constitui sua réplica mais convincente: o título do romance de Guy de Maupassant, que o designa, é apenas excessivo: "forte como a morte".

Como já indicamos, mais nossa civilização se torna devotada ao cálculo anônimo, ao lucro, à técnica, submetida à burocratização e ao parcelamento do trabalho, mais é acionado um contramovimento que regenera o pacto poético com a vida. Ela comporta também a busca de mil pequenos prazeres da vida, reuniões de amigos e festas, sorrisos e risos de conivência, mil pequenos prazeres gastronômicos e noológicos.

A estética não nos oferece apenas vias de escape em direção a mundos imaginários, ela transfigura o sofrimento e o mal. A dor do artista alimenta a beleza das obras que vão brilhar para seus admiradores, leitores ou espectadores: "o artista deve libertar o mundo da dor, mesmo não se libertando de seu próprio sofrimento" (carta de André Suarès a Rouault*). Poesia, teatro, literatura, pintura, escultura e música (pensemos no segundo movimento do Streichquintett de Schubert) põem a dor em destaque, oferecendo-nos esse dom

sublime da arte: a estetização da dor, isto é, fazermos sentir a dor na sua plenitude, mas, simultaneamente, desfrutando sua expressão.

A estética nos permite olhar de frente aquilo que nos aterroriza e nos horroriza: permite contemplar a fatalidade, a morte atroz, a morte injusta, a morte odiosa, a morte-catástrofe, a morte-perda de si mesmo, a morte-perda dos seres queridos. A situação de telespectador permite contemplar esteticamente tornados, furacões, erupções vulcânicas (e, no limite, a estetização de um terremoto mobiliza os dois sentimentos trágicos: o terror e a piedade, suscitando às vezes também, ao mesmo tempo, uma estética cínica da catástrofe). Como já indicamos, o espectador da obra cinematográfica se nutre de angústia nos suspenses, nutre-se de mortes nos thrillers, de dores nos sofrimentos, tormentos, provações, suplícios que os heróis atravessam. A situação estética torna assim suportável o insuportável. Terror e piedade, os dois sentimentos que, segundo Aristóteles, nos invadem no espetáculo da tragédia ateniense, surgem efetivamente quando vemos as representações das tragédias humanas. Mas, agora, podemos olhar de frente, em situação estética, o próprio terror, o horror da morte, a atrocidade do matador, o infortúnio do órfão, o sofrimento dos traídos, desprezados, humilhados. Opera-se assim uma catarse, como pensava Aristóteles, isto é, uma "purificação" do mal? Ela nos purifica provisoriamente, permitindo-nos exorcizar o mal, o sofrimento e a morte que, como o raio em direção ao pára-raios, dirigem-se em direção a esses personagens fictícios, outros que nós mesmos, mas com quem, de uma certa maneira, nos identificamos, que são nossos pára-raios imaginários, e que morrem em nosso lugar. E é assim que podemos consumir a morte e o destino de maneira pasteurizada, melhor ainda, sentir volúpia e gozo no estado estético.

* O autor refere-se ao escritor francês André Suarès (1868-1948), autor de ensaios e narrativas penetradas de misticismo, e ao pintor Georges Rouault (1871-1958), praticante de um expressionismo ao mesmo tempo satírico e místico. (N.T.)

Assim, a estética nos faz experimentar felicidade com infelicidade. Ela nos reconduz à condição humana simultaneamente nos divertindo, nos fazendo aí mergulhar, mas ao mesmo tempo nos distanciando.

Acrescentemos que, de maneira efêmera, a estética nos torna melhores, mais sensíveis, compreensíveis. Cessamos de reduzir o gangster, o assassino, o Macbeth a seus traços criminosos e compreendemos a complexidade humana. Despertamos em nós o sentimento humano de compaixão, tão ausente na vida cotidiana, incluindo-se aí os sofrimentos reais tão próximos de nós. Por outro lado, a estética opera uma colaboração simultânea com o pensamento mitológico e com o pensamento racional, ultrapassando um e outro no seu surrealismo.

Como dissemos antes, a emoção estética - mesmo em sua extrema intensidade - não anula uma consciência racional anterior, que efetivamente continua desperta, enquanto o espírito é, ao mesmo tempo, envolvido na emoção, na participação, no imaginário ou no jogo. De fato, os artistas, escritores, poetas são "inspirados" pelo pensamento analógico-simbólico-mítico simultaneamente fazendo intervir nessa inspiração as operações e os controles de um pensamento racional-técnico. (A palavra arte contém em si a idéia de saber fazer, técnica, habilidade). A estética se situa na confluência na qual se entrefecundam os dois pensamentos, o mítico e o racional, os dois universos, o real e o imaginário.

Mais profundamente, a arte se alimenta e nos alimenta de toda a riqueza do mito, do símbolo, da analogia, permitindo simultaneamente extrair, pela consciência racional, as mensagens profundas incluídas no mito.

Assim, tudo o que é estético ou estetizado nos dá prazer, bem-estar, felicidade e ao mesmo tempo tristeza, lágrimas e pesar. A estética desperta nossa consciência. Animando as potências inconscientes de empatia que estão em nós, a estética nos torna - hélas de maneira provisória - melhores, compreensivos, compassivos com aqueles que nossa inumanidade ignora ou despreza. Daí sua virtude capital na nossa civilização, na qual se

encontra separada da religião e da magia: não apenas ela nos oferece a possibilidade de ver as belezas da existência, não apenas cria beleza, isto é, alegria (uma coisa bela é uma alegria para sempre), ela nos ajuda a suportar o peso insuportável da realidade e a afrontar a crueldade do mundo.

3 - A COOPERAÇÃO REALISTA

Enfim, desde as origens do *sapiens*, constituiu-se uma cooperação entre a mentalidade racional-lógico-empírico-técnica, sob o domínio das necessidades objetivas, e a mentalidade analógico-simbólico-mitológico-mágica, sob o domínio das necessidades subjetivas. Em todas as sociedades, as orações, cerimônias, ritos, crenças sobrenaturais, superstições cooperaram com os empreendimentos técnicos, práticos e econômicos. As duas mentalidades se entreacompanham e se entreconfortam nas sociedades arcaicas. Ritos e invocações precedem a caça, a guerra, as colheitas. Ritos de morte-nascimento fazem passar da infância à idade adulta, e os mitos estão presentes em todos os momentos da vida, sem impedir, de modo nenhum, as operações técnicas, práticas e econômicas. No interior das esferas religiosas, constituem-se ciências como a astronomia, esta não estando separada da astrologia. A disjunção se fará apenas no século XVII na civilização ocidental. No interior das grandes teologias, existiu sempre um misto de pensamento mitológico e pensamento racional. Assim, o tomismo medieval incorporou em seu seio o racionalismo aristotélico.

Os exércitos romanos conquistaram o Império com a ajuda, antes de cada batalha, dos adivinhos, mas utilizando estratégias sagazes. Magia, adivinhação, vidência trazem seus antídotos e predições para as incertezas. A astrologia, recalcada simultaneamente pelo cristianismo e pelo racionalismo, retorna com força no mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, os videntes saem das suas tendas para os apartamentos burgueses, os feiticeiros deixam a selva africana pelos bairros urbanos do Ocidente. Uns e outros trazem respostas às interrogações angustiadas que sur-

gem de todas as partes, trazem seus socorros às colheitas e às carreiras em risco: políticos, homens de negócio, atores, estrelas, empresários, especuladores. O socorro da informação da vidência oferece segurança, confiança e, por isso, encoraja o empreendimento no seio de um mundo aleatório. E, a partir do século XIX, o retorno dos espíritos mortos - relegado às civilizações arcaicas ou distantes - volta ao Ocidente. Podemos novamente nos comunicar com os espectros de nossos defuntos nas sessões de espiritismo, e, assim, nos consolar da morte através dessa maneira bastante antiga.

O pensamento analógico-simbólico-mitológico -mágico permanece presente nas grandes religiões. Estas - malgrado recuos históricos devidos ao progresso da laicização - são capazes de contra-ofensivas vigorosas como no Irã, Afeganistão e outros lugares. Confinadas à vida privada no Ocidente, as religiões conservam sua soberania sobre a morte e as dores da alma. A sociedade mais científica, mais técnica, mais materialista - propriamente, a sociedade do triunfo do *homo sapiens, faber, economicus* - é ao mesmo tempo a mais religiosa de todas as sociedades ocidentais e o Livro Mestre continua sendo a Bíblia.

Por outro lado, a Nação moderna, como tinha visto Toynbee, secretou uma religião própria. O ser mítico da Nação é inseparável de seu ser político. A nação une uma substância mitológica maternal (mãe pátria) e paternal (autoridade do Estado). De fato, a palavra pátria começa em masculino paternal e termina em feminino maternal. A Nação se alimenta do sacrifício de seus heróis, está sempre presente afetivamente no seu símbolo, a bandeira, e conserva seu culto nas cerimônias patrióticas e nas festas nacionais. Assim, a Nação constitui, no seio do real, uma força soberana de amparo, de comunidade e de amor, que protege da crueldade do universo exterior.

O mito se introduz nas grandes idéias, tornando-as vivas, ardentes, potentes. Ele não reintroduz os deuses e os espíritos, mas espiritualiza e diviniza as idéias a partir do interior destas. Ele não retira necessariamente o sentido racional da idéia

parasitada. Inocula uma sobrecarga de sentido que justamente transfigura a idéia em mito. Assim ocorre quando a Ciência e a Razão, clandestinamente parasitadas pelo mito, tornam-se providenciais e encarregam-se da salvação da humanidade. Paradoxalmente, ocorrem simbioses entre mito e antimito no racionalismo e no cientificismo, que trabalham simultaneamente um para o outro e um contra o outro. Assim, a razão continua a efetuar suas elucidações ao mesmo tempo propagando o mito em sua onisciência, enquanto o mito se põe a serviço da razão submetendo-a a ele. Aqui ainda há cooperação invisível e profunda entre a racionalidade e o mito para dar coragem e confiança.

O compartimento mitológico-mágico do espírito coabitou, de maneira quase sempre equilibrada, com o compartimento racional-técnico. O pensamento mágico não foi incompatível com descobertas técnicas fundamentais, e mesmo acompanhou a ciência durante séculos, incluindo até Newton, que acreditava na alquimia e na astrologia. Desenvolveram-se duas esferas na cultura, e essas duas esferas podem coabitar no mesmo espírito sem se perturbarem. O espírito religioso não é incompatível com o espírito científico, quando eles estão cada um em seu compartimento (Pasteur, Abdul Salam, Atlan). A própria teoria científica e a invenção técnica têm necessidade de imaginação e de paixão, e, freqüentemente, idéias obsessivas que se tornaram de fato neomitos, como a idéia do determinismo universal, estimularam a pesquisa. Mais amplamente, as sociedades contemporâneas são apenas parcialmente controladas pelo pensamento racional. Tivemos a oportunidade de tratar em outro lugar da mitologia própria à cultura midiática, assim como das novas mitologias ligadas aos objetos técnicos (automóveis, avião). E, na vida cotidiana de cada um, coexistem, sucedem-se, misturam-se crenças, superstições, racionalidade, tecnicidade, ilusões, magias. Enfim, a laicização da sociedade levou ao desenvolvimento não apenas da religião da nação, como acabamos de indicar, mas também ao de uma religião do amor, que acompanha o desenvolvimento da individualidade moderna.

Assim, se consideramos o mito e a religião em sentido amplo - e sem que tenham desaparecido em suas formas tradicionais -, veremos que o comunismo do século XX foi uma religião de salvação moderna e veremos igualmente uma formidável presença do mito nas ideologias contemporâneas. Tudo isso trouxe e traz confiança, esperança e, às vezes, segurança, alegrias e felicidades que conseguem mascarar e, às vezes, afastar parcialmente a crueldade da realidade.

As complementaridades que acabamos de revelar não devem mascarar o antagonismo profundo dos dois pensamentos. Eles também se opuseram e se odiaram na História. O desenvolvimento sem igual da filosofia e da ciência no Ocidente ocorreu malgrado as condenações muitas vezes mortais da Igreja. Os avanços de uma racionalidade crítica, no século das Luzes, ocorreram em detrimento da religião. A laicização progressiva da sociedade e dos espíritos aconteceu recalçando o empreendimento religioso. A dúvida e a fé, a razão e a religião continuam se opondo.

Os dois pensamentos são vitais. A renúncia ao conhecimento racional-empírico nos mergulharia, de maneira fatal, nas alucinações e na loucura. A renúncia ao mito não apenas desencantaria mas desencarnaria nosso universo e desintegraria as comunidades. O ser humano necessita de um pensamento racional. O pensamento racional necessita de seu antagonista complementar. Paradoxalmente, os dois pensamentos se reenviam um ao outro. A extrema corrosão da dúvida conduz ao niilismo, que conduz ao desespero, e que suscita, como reação vital, o retorno à fé religiosa (no início do século XX, a conversão de Psichari e Péguy ao catolicismo, e, na metade do mesmo século, a conversão de muitos intelectuais ao comunismo, sem o que, como dizia Eluard, "restava apenas abrir o gás")*.

* O autor fala aqui de Jean Psichari (1854-1929), escritor e linguísta, autor de romances e novelas; de Charles Péguy (1873-1914), escritor francês, militante da causa Dreyfus, partidário do socialismo, mas profundamente místico, retornando à fé católica antes de sua morte, e de Eugène Grindel Éluard (1895-1952), poeta, surrealista, participante da Resistência francesa contra o domínio alemão na II Guerra Mundial. (N.T.)

A seiva do mito, na nossa civilização, alimenta nossos ideais e nossos valores. Os valores como Liberdade, Igualdade e Fraternidade são, quando aderimos a eles, carregados de fervor, tornam-se guias e orientam nossas vidas.

A vida humana necessita ligar dialogicamente os dois pensamentos. Sua complementaridade antagonista constitui um compromisso cooperativo vital. Certo, repitamos, tal antagonismo foi também não menos vital para o desenvolvimento do espírito humano. Mas o acompanhamento mútuo de um pensamento pelo outro - analógico-simbólico-mitológico-mágico e racional-lógico-empírico-técnico - não constitui um defeito da história da humanidade, e pode mesmo ser considerado como um fator seletivo para a espécie humana. Esse fato contribuiu fortemente para tornar suportável a insuportável realidade, sem contudo nos impedir totalmente de enxergá-la.

4 - AS DUAS VONTADES DE CONTROLE

O espírito de compromisso com a realidade não foi o bastante para os humanos. Existiu sempre e continua a existir a vontade de controlar a realidade para torná-la suportável, fato que se exprimiu de duas maneiras: uma que se exprimiu através da ciência e da técnica, e outra, através da magia. A magia se desenvolve na humanidade arcaica já quanto a ciência e a técnica começam a reconhecer e manipular as coisas. Caracterizada por alguns como uma prática do "poder do espírito", a magia traduz a vontade de domesticação e de controle da natureza e do sobrenatural.

A magia é uma prática que comporta ritos, palavras-mágicas, fórmulas, que agem a partir de analogias, símbolos, metamorfoses do universo mitológico. Em geral, a magia atua a partir de imagens e símbolos para influir nos espíritos ou nas pessoas. A magia permite a ubiqüidade, metamorfoses, predições, adivinhações, curas, maldições, as mortes por feitiços. Os xamãs são capazes de transpor os limites do tempo e do espaço, de se comunicar com

os espíritos superiores, de curar as doenças. Os feiticeiros duplicam a si próprios, sendo capazes de colocar espíritos e gênios a serviço deles. Agem sobre o símbolo (nome, inscrição, imagem) para atuarem sobre o ser ou sobre a coisa simbolizada. Utilizam as palavras-mágicas, fórmulas "cabalísticas" e ritos que permitem comandar as coisas. Enfim, o sacrifício é um grande ato mágico universal. A magia é como o operador "técnico" do pensamento mitológico.

A magia arcaica foi recalcada nas grandes religiões, que, entretanto, incorporaram práticas mágicas em seus ritos e cultos. Foi recalcada no mundo laico racionalista, mas continua no mundo rural e também se desenvolve nas cidades, onde proliferam videntes, curandeiros, feiticeiros. Ainda hoje, os bruxos e curandeiros, herdeiros da antiga magia, procedem agindo sobre a duplicata da pessoa que devem salvar ou destinar ao infortúnio, seja via a imagem (foto, estatueta), seja via algo que lhe pertença (mecha de cabelo, unha). A magia continua dissimulada em mil pequenos atos da vida privada: conservação de fetiches, amuletos, fotos, imagens protetoras, ritos de superstição, números e dias fastos ou nefastos, etc. ...

A ciência se desenvolveu, a partir dos tempos modernos europeus, como meio para nos fazer "senhores e possuidores da natureza". Ela se aliou à técnica e desenvolveu, nos séculos XIX e XX, formidáveis poderes. Observemos aqui que essa vontade de potência trouxe seus limites: de um lado, nos seus próprios poderes, pois a física nuclear deu à humanidade a possibilidade de se autodestruir, de outro, nos efeitos finalmente indefensáveis do desenvolvimento técnico-científico sobre a biosfera, então, sobre a própria humanidade.

Os poderes da magia eram limitados aos xamãs e feiticeiros. Os poderes da ciência correspondem aos dos Estados, economias, indústrias, embora a ciência se creia ainda com poderes ilimitados, mesmo tendo alcançado as barreiras da realidade. A magia controlava e dominava o mundo pelos poderes do espírito, a tecno-ciência controla e domina o mundo através da sujeição do mundo físico. A magia e a ciência, de maneiras diferentes,

puderam agir sobre o real impondo a este suas vontades de controle. Ocorre que o real obedeceu apenas fragmentariamente à magia e começa a revoltar-se contra a tecno-ciência.

Podemos controlar a realidade apenas localmente, provisoriamente e imperfeitamente para fazê-la obedecer a nossos desejos, e o excesso de controle se volta contra nós. Novamente aqui voltamos aos compromissos com o real, sejam compromissos neuróticos, seja cooperativos, e, entre esses compromissos, os mais ricos e mais belos são estéticos e poéticos.

5 - OÁSIS?

A angústia humana pode ser sublimada na paixão do jogo, nas múltiplas participações, no Amor - "forte como a morte" -, nos mitos, ritos, religiões, pode ser transfigurada e afrontada na poesia, romances, filmes, mas sem jamais ser verdadeiramente liquidada.

Que os seres humanos se consagrem à diversão, ao consumo, à perdição, à adoração do invisível, à exaltação, tudo isso pode ser considerado como um gasto improdutivo desprovido de funcionalidade social. Mas o esbanjamento, o consumo, o dispêndio constituem expressões da complexidade individual e da complexidade social. Expressões que revelam a diferença irreduzível da sociedade de humanos quando comparada à organização de uma máquina trivial. É por essa razão que a aplicação de modelos econômico-determinista-racionalizadores, para conhecer o universo humano, ignora o essencial.

Não podemos escapar à dialógica *sapiens/demens* a partir da qual se tece a condição humana. Assumir o jogo dialógico racionalidade/afetividade, prosa/poesia é assumir o destino humano. Poderemos, salvo excluir, ao menos reduzir a crueldade? Poderíamos também desenvolver a bondade e a compreensão? Poderemos desenvolver os oásis de felicidade na insuportável realidade? Seria isso o que verdadeiramente poderia se chamar progresso.